

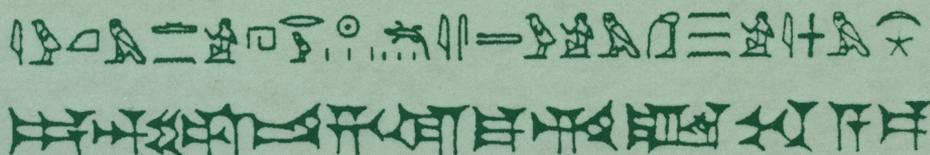
CADMO

Revista do Instituto Oriental
Universidade de Lisboa

10

Actas do Colóquio Internacional

SOCIEDADE, RELIGIÃO E LITERATURA
NO PRÓXIMO ORIENTE ANTIGO



PENETRAÇÃO E PRESENÇA DO EGITO EM TERRAS DE CANAÃ

Por GERALDO J. A. COELHO DIAS

*Professor da Faculdade de Letras
da Universidade do Porto*

Como professor de Civilizações Pré-Clássicas nunca procurámos reservar ciosamente para nós a admiração pela extraordinária civilização egípcia e sempre quisemos ganhar para ela o interesse dos alunos. Devemos, porém, confessar que o que verdadeiramente nos motivou no estudo do Egito foi a relação com a Bíblia e Israel através dos quais chegámos ao estudo do Egito. Por isso, tentamos enfatizar o estudo da penetração do Egito em Canaã e preocupamo-nos em compreender a sua avançada através do corredor siro-palestinese para a Ásia e Mesopotâmia, verificando que, afinal, não era tanto Israel que atraía o Egito, quanto a ânsia do Egito em chegar às insuspeitadas riquezas das regiões da Ásia.

Metodologicamente, para este estudo, temos presentes certos dados da Bíblia, mas partimos da arqueologia. Na verdade, guiados pelos textos para-bíblicos e extra-bíblicos, arqueologicamente descobertos e que, de alguma maneira, fazem osmose com as narrativas bíblicas, podemos compreender melhor o «Sitz im Leben», ou seja, o ambiente vital em que os acontecimentos ocorreram e os textos bíblicos nasceram. Desse modo, a arqueologia ajuda a perceber a vida e transmissão das tradições orais que se materializaram e consubstanciaram na Bíblia escrita.

O Egito - Kemet ou Ta-meri, a Terra Negra, amada dos deuses e estendida ao longo do Nilo, o rio mais comprido e singular do mundo por causa das suas cheias cíclicas - ficava apertado e quase estrangulado pelos desertos árabe e libio, que o cercavam a oriente

e a ocidente. Por essa razão, a saída natural e óbvia do Egipto pelo Nilo era para sul, para o coração da África. Para ali, durante muito tempo, se lançaram os aventureiros egípcios penetrando em Kuch, Núbia e Etiópia, em busca das riquezas e bens de que careciam.

Após a unificação das Duas Terras, que configuram o Egipto faraónico, começaram também os egípcios pelo Delta do Nilo a tentar a penetração na zona oriental asiática, sobretudo no maciço desértico do Sinai, até que encontraram os «Caminhos de Hórus», que os haviam de levar por Canaã fora ao Eufrates. Estava lançado o «corredor cananeu» ou siro-palestinense, como modernamente se diz. Talvez até que esta aventura egípcia na Ásia tenha sido provocada por retaliação contra as múltiplas invasões de povos nómadas que, em tempos de estiagem, com seus rebanhos demandavam as úberes terras do Delta do Nilo, prejudicando culturas e inquietando a população autóctone. Alerta-nos para estas invasões pacíficas, mas desordenadas e molestas, a defensiva obra de contenção erguida por Amenemhat III (1842-1797 a. C.) ao construir os célebres «Muros do Príncipe», uma espécie de Muralha da China para proteger o Egipto em face dos vagabundos e perniciosos *Aamu*, «povos que caminham sobre a areia», entre os quais se contam os Chasu e os 'Apiru. Digase, todavia, que os termos Chasu e 'Apiru, aparecem juntos na lista de Amenófis II, o que exclui a identificação e não deveriam traduzir-se como sinónimos⁽¹⁾. Há, com efeito, alguma diferença. Chasu é vocábulo que subsiste no copta (*Shôs*), a significar «pastor», e designa um tipo de gente nómada (asiáticos), que os Egípcios combatiam por causa da sua mobilidade e moléstia para com as populações sedentárias; não eram propriamente salteadores. Aparecem já citados na inscrição de Uni, um alto funcionário de Pepi I (c. 2375-2350 a. C.) da VI dinastia⁽²⁾.

Quanto aos 'Apiru ('*APRW* = *HAPIRU*), qualquer que seja a origem e significado do nome, já referido entre os acádicos⁽³⁾ (*âpar* = *pó?*), é vocábulo que aparece desde o reinado de Amenófis II (1450-1425 a. C.), nas cartas de El-Amarna e em textos de Ramsés II. Parece que, etimologicamente, a palavra não se deve aproximar da 'IBRYM da Bíblia, e a característica que melhor define os Apiru é a de «forasteiros», gente marginal, exógena à ordem social e política de Canaã e do Egipto, embora fossem utilizados em empresas guerreiras⁽⁴⁾. Têm algo de parecido com as gentes de David, quando fugido de Saul, as quais se refugiaram entre os filisteus e ao seu serviço (1 Sam. 22,1-2).

O caminho mais directo que levava do Egipto à Ásia era o que passava por Canaã, *Pa Kena'an* dos documentos egípcios, os quais

apontam precisamente para o chamado «Caminho de Hórus», que tinha o seu ponto de partida no lugar de Silé (Tel Abu-Seifeh), a oriente de Qantara. Bem referenciado na documentação egípcia, o «Caminho de Hórus» foi o predecessor da «Estrada da terra dos Filisteus» (Ex. 13,17) ou da «Via do mar» (Is. 8,23) em tempos bíblicos, a «Via maris» dos Romanos. Podemos avaliar a sua extensão e as terras a que dava acesso seguindo os relevos de Seti I (1318-1304 a. C.) no templo de Amon em Karnak dos começos da XIX dinastia. Com mais pormenor, talvez possamos usar ainda a descrição do *Papiro Anastasi* do tempo de Ramsés II, verdadeiro guia geográfico das cidades e fortalezas em Canaã⁽⁵⁾.

Note-se que entre os Egípcios o topónimo mais comum para designar a terra a noroeste do Egipto, já naquele continente que chamamos Ásia, era o de Pa Kena'an, embora também usassem o nome de Djahi <6>, o de Huru ou Haru (o povo hurrita, desde o tempo de Tutmósis III) e o de Retenu, desde o começo do II milénio a. C. Mas este topónimo indicava a parte superior de Canaã, aquela que hoje englobaria o Líbano e a Síria até ao rio Eufrates. Podemos afirmar que Canaã/Cananeu são termos que aparecem primeiro em textos acádicos⁽⁷⁾ e depois em textos egípcios (séc. XIV a. C.). Deste modo, o grande Canaã egípcio englobava as terras desde a fronteira de El-Arish, na parte oriental do Delta, até ao rio Eufrates na Mesopotâmia Superior.

Textos literários podem igualmente ajudar-nos para o conhecimento geográfico de Canaã por parte dos egípcios⁽⁸⁾. Entre eles, contam-se o conto mítico de *O Naufrago na Ilha*, possivelmente do II milénio a. C.; *A história de Sinuhe*, um funcionário egípcio do Império Médio que voluntariamente se exilou na Ásia, mas sempre com saudades do seu Egipto distante, história (ou ficção?) muito divulgada no Egipto e que começa com a morte de Amenemhat I, c. 1900 a. C.; *A viagem de Uenamón à Fenícia*, verdadeira narrativa, de cerca 1100 a. C., em que um funcionário do templo de Amon em Tebas narra como foi enviado ao Líbano a procurar madeira para a barca de Amon.

A arqueologia moderna na terra de Israel recuperada⁽⁹⁾ detectou no Sudoeste do antigo Canaã ou Noroeste do Néguev, ainda na aurora do Período Arcaico do Egipto (3100-2686 a. C.) isto é, I e II dinastias⁽¹⁰⁾, sete sítios ou lugares onde os restos arqueológicos exumados nos apresentam artefactos indiscutivelmente egípcios: restos de vários utensílios de cerâmica e de jarras de armazenamento ou transporte de grão e azeite, a que se costuma chamar *pithoi* e escaravinhos/selos. Esses sete lugares são: Afridar, 'Eṅ Besor, Tell Arad, Tell jHalif, Tell 'Erani, Tell Ma'ahaz, Tell Malhata; pertencem à cultura

do Bronze Antigo I-II, cronologicamente datáveis de 3200-2650 a. C.⁽¹¹⁾ É possível que os artefactos encontrados constituam prova positiva de trocas comerciais ou sejam argumento da presença e domínio egípcio sobre a zona sul de Canaã. Em quatro desses sítios (En Besor, Tell Arad, Tell Halif, Tell Malhata) encontraram-se imagens do *serekh* de Narmer. Pode-se ainda afirmar que, em cinco desses sítios, os egípcios conviveram com os cananeus, enquanto em dois (En Besor, Tell Ma'ahaz), parece terem vivido à margem das populações locais, como que numa espécie de terra de ninguém. De facto, ali há restos que levam a identificar rudimentos de fortalezas para apoio e defesa das caravanas comerciais que passavam do Egipto para Canaã. Tudo isto nos leva a concluir que, bem cedo, ainda no Período Arcaico, os egípcios estabeleceram uma rede de entrepostos comerciais e militares que garantissem o comércio com Canaã.

Com o faraó Sekhemkhet da III dinastia (2686-2613 a. C.) dá-se a exploração do Sinai à procura de pedras preciosas e de cobre, sobretudo na zona das minas de Maghara. Por sua vez, o faraó Pepi I (c. 2345 a. C.) da VI dinastia teve de combater os nómadas da Ásia que se infiltravam no Egipto, o que, desde logo, nos indica que o Egipto, pela abundância e fecundidade do seu solo à beira rio, já era então um imã de atracção para gentes que deambulavam nas bordas do deserto de Canaã.

Na cultura do Período do Bronze Médio (2200-1550 a. C.), que engloba o Império Médio do Egipto (2133-1786 a. C.), a descoberta de escaravinhos/selos veio dar maior evidência à presença do Egipto em Canaã, pois vários deles trazem a marca da cartela dos respectivos faraós.

A esteia de Sesostris I ou Senuseret I (1971-1928 a. C.) da XII dinastia e, principalmente, a assinalável actividade dos faraós do Império Médio na zona do Sinai demonstram esta penetração e exploração dos egípcios em Canaã. É conhecida a expedição de Sesostris III (1878-1843 a. C.) á Ásia e a lenda da morte sacrificial dos seus filhos, segundo a narrativa de Heródoto⁽¹²⁾, a conselho da esposa, para cativar a benevolência dos deuses, o que nos aproxima do sacrifício de Isaac por seu pai Abraão (Gn. 20), narrativa etiológica bíblica sua contemporânea.

Por sua vez, Amenemhat III (1842-1797 a. C.), o famoso construtor da cidade de Hauara junto ao Faium ou Mer-uer, desenvolveu grande actividade construindo os «Muros do Príncipe» para deter as invasões dos nómadas do deserto asiático, estabelecendo como que um dique e baluarte de defesa contra as suas avassaladoras destruições. É desse tempo o anónimo conto do *Náufrago*, a mais antiga

crônica de viagem marítima para a zona norte de Canaã (Líbano e Síria), quando aquela região se tornara já uma espécie de protectorado egípcio.

Discutem os arqueólogos se os materiais egípcios (cerâmica, jaras, escaravinhos, estátuas, jóias) encontrados em Canaã neste período significam uma firme presença e domínio do Egito sobre aquela terra ou se são apenas sinal de relações e transacções comerciais. Os escaravinhos/selos com as marcas dos respectivos faraós são os documentos mais eloquentes, exactamente por conterem os nomes dos faraós. De Sesostris I temos quinze escaravinhos (em Meguido e Beth-Shan na planície de Esdrelon, e Guézer); de Sesostris II doze; de Sesóstris III dois e de Amenemhat III três. Os locais onde foram encontradas estátuas (em Meguido, Guézer, Tell 'Ajjul) evidenciam uma quase certeza da presença do Egito em Canaã.

Na crise subsequente do Período Período Intermediário deve-se inserir e compreender as XVI-XVII dinastias dos Hicsos (c. 1650-1567 a. C.), os «Chefes dos países estrangeiros», ou seja, o domínio dum povo estrangeiro e semita no Delta do Nilo até ao levantamento que deu origem ao Império Novo.

Na verdade, com Kamose teve início a luta para a expulsão dos Hicsos, segundo o relato da «Tablette Carnarvon» e das estelas mandadas gravar em Karnak pelo próprio monarca no terceiro ano do seu reinado e que constituem uma espécie de pronunciamento militar. Diz a primeira estela: «Dizei-me para que serve a minha força? Um soberano reina em Auaris, outro em Kuch, e eu devo compartilhar o reino com um asiático (*Aamu*) e um preto. Cada um deles possui sua parte deste Egito, repartindo o país comigo... Lutarei contra ele (asiático) até lhe abrir o ventre. O meu desejo é salvar o Egito e derrotar os asiáticos... O teu desejo falhou, miserável asiático. Olha: Eu beberei do vinho dos teus vinhedos, que os asiáticos que eu capturei hão-de pisar para mim. Eu destruirei o lugar onde moras e cortarei as tuas árvores... Não deixei uma prancha sob as centenas de barcos de cedro novo carregados com ouro, lápis-lazúli, prata, turquesa, e machados de guerra sem conta, além de óleo-moringa, incenso, gordura, mel, madeira *itren*, madeira *sesedjem*, pranchas de madeira, toda a sua valiosa madeira de construção e todos os bons produtos de Retenu... Nada deixei em Auaris, pois ela ficou vazia, quando os asiáticos desapareceram» ⁽¹³⁾. Talvez Kamose não tenha conseguido fazer tudo aquilo que se propunha. Pouco depois, com Amósis ou Ahmés (1567-1546 a. C.) progrediu o grande levantamento dos egípcios do Sul contra os Hicsos, que foram expulsos e derrotados na batalha de Charuhen (Tel el-Far ah do Sul), já em terra de

Canaã, depois de três anos de cerco. Sirva de exemplo a inscrição de Ahmés, filho de Abana, oficial do faraó Ahmés, no seu túmulo de El-Kab: «...Depois Auaris foi saqueada. Levei dela como espólio: um homem, três mulheres, num total de quatro pessoas. De imediato Sua Majestade mos deu por escravos. Depois Charuhen foi sitiada durante três anos e logo Sua Majestade a saqueou. Por isso levei dali como espólio: duas mulheres e uma mão. Foi-me concedido o ouro do valor, e me foi entregue o espólio para que fossem minhas escravas. Depois de Sua Majestade ter matado os asiáticos, avançou para Sul, para Khenti en nefer, a fim de destruir os nómadas núbios»⁽¹⁴⁾.

Para os egípcios começou então uma verdadeira e estratégica política de conquista em Canaã, ou Ásia. Sucedem-se as lutas de Tutmósis I (1525-1512 a. C.), que chega ao Eufrates. A todo este piano de ocupação darão consistência as dezassete campanhas militares de Tutmósis III (1504-1450 a. C.)^{<15>} com a bem planeada conquista de Meguido e a célebre campanha marítima, cujos textos estão gravados nas paredes norte e oeste do templo de Amon em Karnak⁽¹⁶⁾. Toda esta epopeia perpassa no hino triunfal feito para Tutmósis III, grande esteia de 1,80 m de altura, conservada no Museu Egípcio do Cairo⁽¹⁷⁾. Também o *Papiro Harris 500* nos conta histórias do reinado de Tutmósis III e, entre elas, como o comandante egípcio Djehuty, confrontado com os 'Apiru, teve de introduzir e guardar os seus cavalos na cidade de Jafa^{<18>}.

Pode, pois, dizer-se que a partir de Tutmósis III, o grande Canaã passou a fazer parte do Império faraónico, a constituir o império asiático do Egípcio, de que Cadés, junto ao rio Oronte, seria o centro militar operacional. Neste comenos, os Egípcios terão de se enfrentar com os Mitânios e os Hititas. Amenófis II (1450-1425 a. C.), filho de Tutmósis III cantará as suas façanhas na campanha asiática em Naharina e junto ao rio Oronte nos anos 7 e 9 do seu reinado e compraz-se em descrever o espólio que apanhou. Entretanto, as «Cartas de El-Amarna»^{<19>} do tempo de Amenófis IV (1379-1362 a. C.) ou Akhenaton permitem-nos reconstituir o constelado mapa das cidades cananeias vassalas do Egípcio. De resto, não se pode esquecer a tentativa do faraó Horemheb em subjugar as cidades da zona, que se tinham começado a rebelar contra o domínio egípcio. No fundo, ainda como general do exército, Horemheb iniciara as primeiras operações militares para deter o desmantelamento do império asiático do Egípcio.

Na XIX dinastia, Seti I (1318-1304 a. C.) deixou duas esteias em Beth-Shan, descrevendo a campanha no Norte da Palestina⁽²⁰⁾, o que confirma a instabilidade na zona e a necessidade da frequente presença do exército egípcio em Canaã até que Ramsés II (1304-1237

a. C.), na famosíssima batalha de Cadés (1286 a. C.), teve mesmo de enfrentar os hititas, quase escapando por milagre e deixando disso, como por «ex-voto», os três relevos descritivos (Abu Simbel, Ramesseum, templo de Amon em Karnak). Acabou por fazer um autêntico tratado de paz com os hititas, o qual nós hoje conhecemos quer na versão hieroglífica egípcia quer no texto hitita.

Sabe-se que, pouco depois, o sucessor de Ramsés II, seu filho Merenptah (1236-1223 a. C.), no 5^s ano do seu governo teve de fazer uma campanha em Canaã contra cidades e povos que se tinham levantado, e é nessa campanha que encontra os israelitas ainda à procura de terra onde se instalar. Reusando uma esteira de Amenófis II, é isso que nos conta a esteira do 5^s ano, isto é, da Vitória ou de Israel (c. 1230 a. C.). Ela transmite um texto precioso, cujo género literário, poético e épico, nos permite, pela primeira vez e antes de qualquer texto bíblico, encontrar o nome de ISRAEL, o famoso «Povo de Deus», cuja história de êxodo e libertação do Egipto a Bíblia pretende contar. Este documento singular constitui um marco histórico que, de alguma maneira, pode explicar a etnogénese do povo de Israel e facilita a integração existencial dos israelitas, ainda nómadas e em grupo tribal à procura de sedentarização, no convívio dos povos do Médio Oriente, verdadeiramente à espreita de poderem entrar na terra de Canaã, como quer a Bíblia. Eis toda uma história que só em termos religiosos conhecíamos pelos livros do Pentateuco hebraico e pelo livro de Josué. Ao contrário das terras ou cidades aí referidas e marcadas com o determinativo hieroglífico de cidade (Ascalon, Gaza, Yanoam, para além de Canaã e dos Hititas), o nome de Israel é seguido do determinativo de homem e mulher e os traços do plural, o que quererá indicar que Israel era ainda um povo ou clã à procura de sedentarização: «Israel está devastado, sem semente». É isso que leva os historiadores a aproximar este texto da narrativa bíblica de Josué sobre a entrada dos hebreus em Canaã, cerca de 1231 a. C., colocando o Êxodo por volta de 1250.

Famosos para a arqueologia israelita ficaram os curiosos sepulcros antropomórficos⁽²¹⁾ de barro, encontrados em Tell el-Far'ah sul, Deir el-Bala e Beth-Shan, dos séculos XIII-XII a. C., tendo-se encontrado também num sepulcro antropóide de Lakish uma inscrição egípcia em signos hieráticos. Talvez que estes sepulcros, significativamente decorados à egípcia, sejam do tempo da luta contra os «Povos do Mar»⁽²²⁾ expulsos por Ramsés III (1198-1166 a. C.) que, no templo funerário de Medinet Habu, se vangloria de os ter vencido e expulsado⁽²³⁾. De facto, depois de em vão terem tentado desembarcar no Egipto, um grupo dos filisteus acabou por aportar à terra de Canaã e

aí estabeleceu a presença filisteia, contra a qual os judeus tão dura e longamente haviam de combater, segundo a Bíblia.

O nome FILISTEUS/PALESTINA, que daí deriva, constitui o premonitório início das grandes e longas lutas dos hebreus e mantém-se curiosamente, hoje, nos árabes palestinos com os quais os israelitas ou judeus se continuam a confrontar. Longo síndrome de guerra este que nos pode fazer compreender e descobrir naquelas lutas de antanho os pródromos da moderna «questão palestina». Isto baste para compreendermos a importância da penetração e presença do Egipto no Canaã antigo e as conseqüentes ressonâncias mentais que isso acarreta na história bíblica e mesmo ainda nos nossos dias. Que longo síndrome de pesadelos e de medos!

Mais tarde, na Época Baixa do Egipto, continuará a haver penetrações e depredações egípcias em Canaã, mas, dessa feita, já Canaã, através de Israel-Judá, era Terra Santa do Povo Eleito de Javé. Por essa razão, as profanações do faraó Chechonq I (945-925 a. C.) da XXII dinastia libia ou de Bubastis, ao qual a Bíblia chama Shishaq (1 Re. 14,25-26; 2 Cr. 12,2-4.9), seriam vistas como uma verdadeira afronta pagã ao culto monoteísta de Javé no templo de Jerusalém, para além duma humilhante derrota para o rei Roboão de Judá, que tinha abandonado a Lei do Senhor. As escavações arqueológicas confirmam a narrativa do 1º Livro dos Reis e 2º Livro das Crónicas.

Talvez por isso é que o profeta Isaías do século VIII a. C., o Proto-Isaías, acautelava os israelitas, Povo Eleito de Javé, a fim de estarem precavidos contra o Egipto e não se fiarem do seu hipotético poderio, até porque «uma estrada (a Estrada do Mar) ligará o Egipto e a Assíria». Basta ler o oráculo contra o Egipto (Is. 19,1-15) e as recriminações contra qualquer aliança político-militar com o Egipto, «esse povo inútil que não vos pode auxiliar nem socorrer» (Is. 30,5). Ridicularizando o armamento e cavalaria do Egipto, essa «Casa de Escravidão» (Ex. 13,14), Isaías, o profeta do monoteísmo ético hebraico, afirmava mesmo: «Ai dos filhos rebeldes, oráculo do Senhor, que formam projectos sem contar comigo, que estabelecem alianças sem o meu espírito, acumulando, assim, pecados sobre pecados. Tomam o caminho do Egipto sem me consultar para pedir protecção ao Faraó e abrigo à sombra do Egipto. A protecção do Faraó será a sua vergonha e o abrigo do Egipto será a sua ignomínia. Quando os seus chefes estiverem em Soan e os seus habitantes chegarem a Hanés⁽²⁴⁾, todos se envergonharão deste povo inútil, que não pode auxiliar nem socorrer; nada mais será que vergonha e afronta» (Is. 30,1-5). E acrescenta ainda: «Ai dos que baixam ao Egipto por socor-

ro, pondo a sua confiança nos cavalos e a sua esperança no número dos carros e no valor dos cavaleiros, sem olharem para o Senhor de Israel, sem consultarem o Senhor... Os egípcios são homens e não deuses; os seus cavalos são carne e não espírito» (Is. 31,1-3; cf., Is. 30, 15-17).

Como se vê, com mais ou menos propaganda, tanto para Israel como para o antigo Egito, a história era eminentemente religiosa e pragmática. Por isso, as lições da história da ocupação egípcia antiga continuavam vivas no Israel dos séculos VIII-VII a. C. e a condição pagã do povo egípcio servia de motivo para o Povo de Deus dele se acautelar.

Toda esta narrativa da penetração e presença do Egito em Canaã (terra do Israel bíblico), sendo verídica na sua essência, é, afinal, uma história de género literário teocrático e paradigmático.

Afinal, Canaã era a «Terra Prometida», que, segundo a Bíblia, Javé tinha jurado dar a Abraão e aos seus descendentes (Gn. 12, 4), a «terra onde corre leite e mel» (Ex. 3,22), a qual só foi tardiamente ocupada pelos hebreus-judeus, como tantos textos bíblicos hão-de enfaticamente cantar. Por um lado, ela nos mostra o carácter aventureiro do homem, arrojado conquistador (egípcios) ou religioso peregrino (judeus) e por outro nos diz que não podemos deixar de ver a história do homem antigo à luz do holofote ampliador da religião, pois Deus é que é o autêntico motor da história.

Notas

(1) DIAS, Geraldo J. A. Coelho, *Hebreus e Filisteus na terra de Canaã. Nos pródomos da questão palestiniiana*, Porto, Faculdade de Letras, 1994, 201-211 (Tese de Doutoramento, policopiada).

(2) PRITCHARD, James B. (ed.), *Ancient Near Eastern Texts relating to the Old Testament*, 3^ª Ed., 1969, 414-418. Citado sob a sigla ANET, é um bom repertório de textos para o conhecimento das Civilizações Pré-Clássicas. Cfr. ROCCATI, A., *La littérature historique sous l'Ancien Empire Égyptien*, Paris, 1982, 194. Ver também, no que se refere à literatura sobre passos paralelos da História Bíblica, Israel e Judá. *Textos do Antigo Oriente Médio*, São Paulo, Edições Paulinas, 1985 (Documentos do Mundo da Bíblia, 2, tradução do francês).

<3> LORETZ, Oswald, *Habiru-Hebraer. Eine sozio-linguistische Studie ueber die Herkunft des Gentilismus 'ibri vom Apellativum habiru*, Berlin, Walter de Gruyter, 1984 (BZAW, 160).

<4> *Les Lettres de El Amarna*, Paris, Les Éditions du Cerf, 1987, (Littératures Anciennes du Proche-Orient, N^º 13), Cartas 287, 288, 289.

<5> ANET, 475-479.

<⁶> O nome de Djahi é usado em Medinet Habu, quando, nos relevos do 8^o ano de Ramsés III a respeito da luta contra os “Povos do Mar”, o faraó diz: “Eu organizei a minha fronteira em DJAHI”. Cfr. *ANET*, 263-264.

(7) Carta de Mari, cerca de 1800 a. C. e Inscrição de Idrimi, rei de Mukish com capital em Alalah, cerca de 1550-1500 a. C.

<⁸> AHARONI, Yohanan, *The Land of the Bible. A Historical Geography*, Philadelphia, Revised and enlarged Edition, The Westminster Press, 1979.

<⁹> MAZAR, Amihai, *Archaeology of the Land of the Bible (10,000-586 B.C.E)*, Nova Iorque, Doubleday, 1990.

(¹⁰) Seguimos a discutível cronologia proposta pela *The Archaeological Encyclopedia of the Holy Land*, 3^a edição, editada por Avraham Negev, Nova Iorque, Prentice Hall Press, 1990, 417.

<¹¹> RAINEY, Anson F. (ed.), *Egypt, Israel, Sinai. Archaeological and Historical Relationships in the Biblical Period*, Jerusalém, Tel Aviv University, 1987.

(¹²) HERÓDOTO DE HALICARNASO, *Los Nueve Libros de la Historia*, 1^o vol., nova edição, Barcelona, Editorial Iberia, 1976, 138-142 (II, 102-110).

<¹³> *ANET*, 554-555.

<¹⁴> *ANET*.

(¹⁵) LOPES, Maria Helena Trindade; REGO, Cristina, *As operações militares de Tutmosis III: expressão de uma época*, *Hathor. Estudos de egiptologia*, 3, Lisboa, 1991, 71-92.

(¹⁶) *Textes sacrés et profanes de l'ancienne Egypte*, I, Paris, Gallimard. 1987, 93-101.

(¹⁷) *Ibidem* - 101-104.

<¹⁸> *Papiro Harris 500*, “Textes sacrés et Textes profanes de l'ancienne Egypte”, II, Paris Gallimard, 1987, 181-185.

(¹⁹) *Les Lettres d'El Amarna*.

(²⁰) *ANET*, 253-254. Essas duas stelas estão hoje no Museu Rockefeller de Jerusalém.

(²¹) DOTHAN, Trude, *The Philistines and their Material Culture*, Jerusalém, Israel Exploration Society, 1982, 252-288;

(²²) DOTHAN, Trude; DOTHAN, Moshe, *People of the Sea. The Search for the Philistines*, Nova Iorque, Macmillan Publishing Company, 1992; MARGALLIH, Othniel, *The sea peoples in the Bible*, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag, 1994; NOORT, Ed, *Die Seevolker in Palaestina*, Kampan, Kok Pharos, 1994 (Palaestina antiga, 8).

(²³) DIAS, Geraldo J.A. Coelho, *Hebreus e Filisteus na Terra de Canaã. Nos pródomos da questão palestina*, Porto, Faculdade de Letras, 1994 (Tese policopiada de Doutorado).

(²⁴) Soan é a cidade Tânis no Delta do Nilo e Hanés é possível que seja a cidade de Heracleópolis, a sul do Cairo.

Canã - Império egípcio



Fonte: *The Times Atlas of World History*, Times Books Limited, London, 1981
National Geographic Society, N. G. S. Atlas of the World, Washington, 1982

FLUP
S21 / Cartografia
Reguladora / 2001